

Uma história do DNJ a partir da memória da vida

Carmem Lucia Teixeira¹

O ponto de partida da partilha: uma entrevista

Nestes dias me dispus a uma entrevista para um programa de doutorado: uma pesquisa sobre as motivações que vivemos nos anos 70 e 80, como Igreja. A pergunta foi fundamental para uma grande viagem na memória: o que você elege como importante em seu processo de formação? Que fatos, que leituras, que pessoas despertaram sua consciência e provocaram sua libertação?

Foi esta tarefa de responder para o pesquisador do doutorado que me levou a outras memórias, como a do Dia Nacional da Juventude (DNJ). Como sabem, sou da diocese de Ipameri (GO) e, desde 1986, vivo na Arquidiocese de Goiânia. Este é meu chão como Igreja particular. O pastor era D. Antonio Ribeiro de Oliveira, nas duas Dioceses. Meu compromisso e minha experiência se dão em uma pastoral de juventude organizada a partir da paróquia e da Diocese em uma comunidade eclesial.

No ano internacional da juventude encontro em Trindade

Meu primeiro DNJ foi no ano de 1985, mesmo ainda não criado. Foi uma atividade do Ano Internacional da Juventude que a Igreja do Brasil assumiu como uma oportunidade de provocar grandes encontros de jovens em cada um dos seus regionais. Eu havia sido eleita para a equipe regional. A primeira equipe, portanto, sem nenhuma experiência. Tivemos como tarefa organizar um encontro de massa, com a proposta de reunir milhares de jovens, na cidade de Trindade. Na primeira reunião, achei uma loucura total. Tinha uma dimensão da grandeza do evento e o desespero de estar na organização era do mesmo tamanho. Reunimo-nos, na Casa da Juventude (Goiânia), uma equipe de pessoas da comissão e outras pessoas – Maria Olinda, Pedro, Marilda, Anésio, Salma, Denise, Pe. Albano e Pe. Floris. Preparamos tudo e no dia chegou gente de todo lugar, em vários ônibus, de quase todas as dioceses do Regional Centro-Oeste. Foram mais de cinco mil jovens e adultos/as. Foi a prova de fogo.

A diocese de São Luis de Montes Belos era experiente em realizar caminhadas com milhares de pessoas, bem antes do DNJ oficial. Aí tem memórias de pessoas como Shirlaine, Rezende, Marora, Deusdete... porém, era uma novidade que foi acolhida e assumida por várias dioceses que, sistematicamente, passaram a reunir jovens nos anos seguintes a partir dos temas que a coordenação nacional da Pastoral da Juventude foi propondo. Os temas sempre nos motivavam para a missão porque tratavam de realidades dos/as jovens.

Na medida em que íamos caminhado dentro de uma ação evangelizadora planejada, passamos a nos dar conta de vários elementos. O primeiro deles é que não se aprofundava o tema do modo mais aprofundado. Quando começávamos a tratar do tema, por exemplo, ecologia, no outro ano já era outro tema... Avaliou-se que os temas tratados, em estudos nos grupos, em manifestações de massa no Dia Nacional, poderia ganhar mais profundidade e ser assunto para mais de um ano.

O tema das Políticas Públicas

Recordo o tempo quando começamos a discutir políticas públicas de juventude. Era o ano 2001. Não era um tema conhecido. Não se sabia do que se tratava. O texto do DNJ daquele ano veio com um texto para ajudar as coordenações e assessorias a aprofundar o que era. O tema foi muito debatido naquele ano e, nos próximos cinco anos, o debate ganhou qualidade. O DNJ pautou o tema junto aos jovens. Foram milhares de grupos que estudaram e se apropriaram deste tema. Quando participamos no primeiro Seminário Nacional das Políticas Públicas, convocado pela Câmara Federal, em Brasília – DF, estavam lá dois deputados: um de Minas Gerais e outro do Rio

¹ Coordenadora da Casa da Juventude, educadora de escola pública, assessora do Setor Juventude-CNBB (1998 -2003), Equipe Latina Americana (1999-2003), Equipe de Revisão do livro Civilização do amor – CELAM (2008 -2011). Outubro/2010.

Grande do Sul. Ambos haviam sido militantes das Pastorais de Juventude. Outro fato que ficou emblemático foi a presidência do Conselho de Juventude, quando tocou, para a sociedade civil. Quem assumiu foi Ellen Linith, secretária nacional da PJ. Tive oportunidade de acompanhar estes eventos, reconhecer neles as sementes plantadas pela ação evangelizadora atenta à formação Integral, isto é, onde as dimensões das pessoas que acontecem em processos, estava presente. Por isto, dei graças a Deus pelo caminho feito como Igreja no Brasil.

Vivências que não se esquece...

Quando estava na Assessoria do Setor Juventude – CNBB, tive várias oportunidades de celebrar o DNJ em vários lugares que provocaram em meu corpo memórias que serão eternas. Recordo-me de alguns lugares – volto a Cametá/PA. Era a primeira vez que uma goiana viajava de barco, uma aventura que será sempre lembrada. Um barco com mais de 100 passageiros, com redes espalhadas para o sono da noite, cargas imensas... e eu pela primeira vez em um porto. Foram cerca de 12 horas de viagem de Belém até Cametá. Encontrei 500 grupos de jovens em Assembléia, porque era um representante de cada grupo das comunidades da Prelazia. Um bispo, em cadeira de rodas estava deixando os trabalhos por problemas de saúde e um outro bispo italiano, chegando para assumir a missão. No sábado e no domingo chegaram os/as jovens que vieram para celebrar o DNJ. Fez-se uma caminhada de uns 8 km debaixo de um sol e um calor, com 1500 jovens e adultos. No final haveria uma celebração. Pensei: será um vexame, todos/as mortos/as, ao final. Tudo o contrário: uma celebração carregada de vida, com participação, com alegria e de gratidão pelo bispo que os havia acompanhado como pastor.

Recordo, igualmente, o Maranhão, com suas Romarias com milhares de jovens, participando, discutindo os temas e encontrando, através da política, meios de garantir os direitos. Apresentavam candidatos da caminhada depois de um longo debate. Era impressionante ver que aquilo que estava proposto nos documentos da Igreja dos leigos/as serem agentes de transformação na sociedade, estar ali, como realidade, diante de bispos, padres, religiosos/as, leigos/as (jovens e adultos/as). Também outros lugares, como em São Paulo, na Romaria da Juventude. Participei em Aparecida/SP, um evento que reuniu milhares de pessoas. Assim foi no Rio Grande do Sul, com encontrões que chegaram a 50 mil jovens e adultos/as de todo Estado.

Cito algumas vivências, porém, em nossa memória coletiva, podemos ir nomeando as outras, até com indignação, “poxa! Como se pode esquecer este ou aquele lugar...” Na verdade, não se esquece; a memória vai e volta trazendo pessoas, lugares, situações e encontros que também se somam com este evento que agora celebramos o seu jubileu.

Pensando as coisas sobre o tema

Também, me vêm à memória as várias reuniões para decidir o tema e o lema do DNJ. Eram marcadas por contradições próprias do caminho. Nas avaliações, muitas vezes havia gente que falava mal do tema, do subsídio, do cartaz e depois, ao final declarava que não havia feito DNJ. Também tinha gente que havia se dedicado desde o primeiro momento em pensar o tema, que não media esforços para mobilizar pessoas para a produção dos materiais e da vivência nos grupos preparando o grande dia.

Nestas vivências também houve coisas que foram pequenas no tamanho. Recordo-me viajando para a antiga região de Inhumas - Trindade acompanhando o pessoal como assessora da equipe da Arquidiocese de Goiânia. Reunia pouca gente, mas era bonito ver o esforço da moçada, na criatividade, na proposição do debate do tema, no envolvimento dos artistas locais. E como essa experiência havia centenas por este Brasil a cada ano.

E a mídia?

Recordo que poucas vezes a mídia acompanhava este evento, tanto dentro como fora da Igreja. Era uma ação que mobilizava mais de 2 milhões de jovens (nos anos que estive na assessoria nacional fiz o levantamento, por curiosidade). Mesmo com esta grandiosidade, raramente mereceu uma palavra de reconhecimento. Houve, sim, várias cobranças, críticas – ao material, aos cartazes, ao tema... que nem sempre somos capazes de compreender porque esperamos primeiro o reconhecimento das autoridades da Igreja. Também fomos entendendo que as críticas

também nos deixavam sempre mais atentos/as, mais cuidadosos/as. Creio que foi uma graça de Deus. Não significa que não havia autoridades que animavam o povo no caminho. Sempre houve bispos que, mesmo que desconfiassem antes do evento, durante a presença e a participação no DNJ saíam impressionados com a quantidade de gente e com a qualidade do evento.

As exigências crescem com o caminho do povo que faz parte da organização. Cada ano as críticas e as sugestões obrigavam o cartaz, o roteiro para os encontros, a arte, a distribuição a serem melhores. Havia momentos de encontros que o pessoal ria dos cartazes dos anos anteriores. Havia expressões – “Como pode?” Sinal do crescimento, do processo que gera um grupo mais exigente.

Envolvimentos e tarefas

Desde 1986 que o Centro de Capacitação da Juventude imprime e distribui o material do DNJ em sintonia com o Setor Juventude – CNBB. Aí também houve muitas críticas, muitas sugestões e mudanças. Pode-se dizer que este serviço, prestado como Igreja à Igreja do Brasil foi fundamental para que hoje estivéssemos celebrando os 25 anos. Pe. Boran foi um guerreiro na busca de sustentabilidade com máquinas sempre muito caras e que em um esforço de equipe apoiaram para que o DNJ fosse uma realidade com materiais para os grupos. Claro que não podemos esquecer todas as reclamações dos atrasos, dos materiais pedidos que não chegaram... e tantas outras coisas. Porém, nada mais bonito que celebrar este jubileu e reconhecer os limites, valorizando os serviços.

A elaboração dos materiais, no começo, dependia da boa vontade de gente que se dedicava à produção: jovens e assessores. Depois, com o passar do tempo, as coisas assumem outras dinâmicas, fortalecem os Centros e Institutos, e estes passam a apoiar. Depois, após diálogos, os Centros e Institutos passam a formalizar este serviço em diálogo com as coordenações. Mais tarde as coordenações assumem dar as linhas gerais do evento, sempre com mil temas de pautas, mas chegando à conclusão assumindo o protagonismo do tema ser trabalhado pelas coordenações.

Atividade permanente em processo

Cresceu a articulação da ação nacional porque, aos poucos, o DNJ foi assumido entre as “atividades permanentes”, assim como a Campanha da Fraternidade e O Grito dos Excluídos. Ganhou em maturidade e adesão. Recordo uma de nossas avaliações, em 1999, em que o padre Cobo, secretário Pastoral da CNBB, lendo a coleta de dados que veio dos grupos, disse que os dados confirmavam que os projetos eram assumidos de fato pelos grupos de jovens. Ele reconhecia como as decisões em Assembléia repercutiam na caminhada.

Nasce, desta ação, uma campanha com ações diretas, contra o extermínio de jovens. É um basta motivado e alimentado pelo sangue do assassinato de Padre Gisley, em 2009. Essas ações também têm o reconhecimento, desde 1997, dentro das Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil e retomado, depois, pelo documento de Evangelização da Juventude – desafios e perspectivas.

As camisetas foram uma marca que perpassavam todos os espaços por onde andávamos em nosso dia a dia – escola, festas, celebrações, caminhadas, jogos... O tema nunca ficou somente no ano; Há pessoas que colecionam os livros, as camisetas, os cartazes. Há vários lugares que são decorados com os produtos do DNJ, Cada vez que deparamos com estes materiais, nossas memórias pulam. Muitas vezes os depoimentos vêm daí. “Essa imagem” parece que traduz tudo. É como se todas as pessoas que estão perto fossem cúmplices do momento.

Sonhos

Desde o ano passado (2009) comecei a sonhar com várias histórias: depoimentos de pessoas de todas as regiões que pudessem contar suas experiências vividas em torno do DNJ. Ficava imaginando o povo do Norte contando as aventuras nos rios, os encontros depois de longos caminhos entre a floresta; depois imaginava o povo do Nordeste, falando das andanças e das danças; o povo do Sudeste organizando manifestações em meio as metrópoles e nas cidades dos interiores, chegando à Romaria das Águas. Uma vez, o povo do Rio de Janeiro

organizou um DNJ na beira de uma praia... Como haveria histórias bonitas e encantadas... E o povo do Sul, com toda a variedade das culturas, traduzidas em grandes encontrões, numa mistura de gente. E as aventuras do Centro-Oeste, os encontros do povo do cerrado... Nestes tempos se reuniu, na Cidade de Goiás, o povo do Centro-Oeste (Goiás, Distrito Federal e Tocantins)... Tanta coisa para contar!

Há, também, alguns caminhos que podem ser realizado em estudos de graduação e pós-graduação, perguntando qual foi a contribuição do tema do DNJ no avanço das políticas públicas de juventude? Ou, então, como o DNJ contribuiu para tratar o tema de AIDs e com isto, contribuiu para diminuir o preconceito sobre o tema? De que forma os temas da Ecologia ampliou a consciência da juventude sobre a sustentabilidade do Planeta? Em que os temas tratados no DNJ fizeram ampliar a consciência políticas dos jovens que participavam dos grupos? Enfim, como os temas do DNJ influenciaram a vida dos/as jovens?

Memória não é linear

O exercício da memória não é nada linear. Foram 25 anos, um tempo de júbilo, tempo de realizar um jubileu para identificar todas as riquezas que acumulamos em nossas histórias pessoais e da evangelização da juventude através da ação eclesial, realizada pelas Pastorais de juventude seja a partir dos vínculos nas comunidades eclesiais, seja dos vínculos nos lugares vitais. Diante de uma sociedade que prega o isolamento, e anuncia o individualismo; que concentra as riquezas cada dia mais e exclui e mata crianças, jovens, adultos e idosos em várias partes do mundo (sem água, comida, moradia, saúde, terra); que provoca a migração de milhares de povos; que promove o tráfico de pessoas; que organiza máfias... exige de nós que, assumimos o nosso batismo, e procuramos vivenciar o seguimento de Jesus de Nazaré, como discípulos e missionários, que desmontemos estas estruturas. Em nosso compromisso com a vida em abundância, com a construção do Reino de Justiça, anunciado por Ele, temos que organizar um movimento de conversão – rumo à Jerusalém, lugar da causa assumida, da vida ressuscitada.